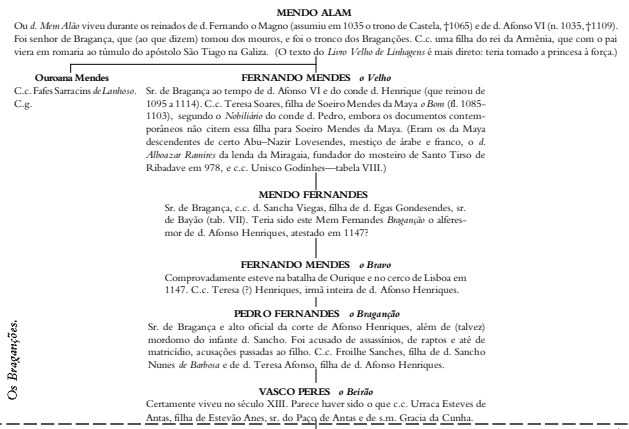
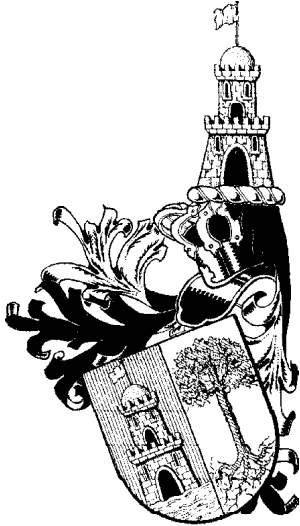


Moras. Partido: I, de vermelho, com uma torre de prata lavrada de negro, coberta de ouro e rematada por uma bandeira (var. castrejo) de prata, assente sobre um rio do mesmo agulado de azul. II, de prata, com uma amoreira de verde, arrancada e frutada de ouro. Elmo de prata, aberto e guarnecido de ouro. Paquife das cores e metais do escudo, e por timbre a torre do escudo. São armas documentadas no Livro de Armas-Mo, de 1506, entre aquelas atribuídas à pequena nobreza. São também, ao que parece, *armas parlantes*, já que o nome da família, *Moras*, sugere uma apócope de *amoraria*, plural de *amorral*, "pomar de amoreiras."



Os Braganções.

3. Os primeiros troncos portugueses: os senhores de Bragança.

X. Antas Moraes: Prudente de Moraes, Delfim Moreira.

Fonte: "Delfim Moreira," *Brasil Genealógico* (1969 e 1970), L. G. da Sil Leme, "Moraes," *Genealogia Paulista* VII (1907), Projeto Áquila/Griffo-UFRJ, Versão 2.1, Janeiro de 1995.

Aparentemente, nestas duas gerações, os herdeiros dos Braganções trocam o sobrenome de Bragança pelo de Vimioso.

As tradições dissonantes, para a nossa aceitabilidade, congemine logo com o primeiro membro conhecido valdeiros do Livro Velho e do Livro do Dado. Este impetioso antepassado rapto a filha do rei Arménia que se em peregrinação a Santiago de Compostela e fundou com ela a linhagem. Não raro tra-se de um clérigo de nome Alão, nooutro de seu filho Mendel. A lenda está relacionada com o mosteiro Castro de Avilés, onde a infância se hospedou durante a viagem. As narrativas prolongam-se na praça de Fátima Mendel, que teria casado nada menos do que com uma filha do próprio rei Afonso VI, no entanto, de d. Teresa de d. Urraca. De fato, entretanto um sobrenome nome documentado entre 11 e 1112, aparece no primeiro daqueles anos como governador de Chaves, e depois na corte de d. Ten. Foi seu filho Mendel Fernandes, governador de Bragança, e que provavelmente foi afilho de d. Afonso Henriques em 1146 e 1147, isto é, por ocasião da conquista de Santarém e Lisboa. Mas o personagem que mais excitou a imaginação dos historiadores foi um delfim, Fátima Mendel o Bravo, isto é, "o delfim austríaco representante dos costumes mais bárbaros da época. Estando no mosteiro de Morenada, fez imão Rat jurar que não lidaria com ele. Como não cumpriu o juramento, egoss-e e matou-o. No outono, a mãe zangou-se com sua barregã. Para se vingar, meteu-a na pele de uma urso e atirou-lhe aos. [José Mattoso, Ricos-homens, infâncias e cavaleiros, Lisboa (1982).]

